

FALTOU UMA PEDAGOGIA DE COMUNICAÇÃO?

ANALISE DAS CAUSAS DO ROMPIMENTO DO DIALOGO ENTRE OS VARIOS SETORES DA IGREJA EVANGÉLICA NO BRASIL

Elter Maciel

A crise que se abate sobre as igrejas evangélicas do país tem muito a ver, evidentemente, com o que se passa no resto do mundo em outras instituições, religiosas ou não. A situação em que a humanidade toda está mergulhada e que se manifesta através do choque crescente e irreconciliável entre gerações, dos conflitos ideológicos, da disparidade proposital entre desenvolvimento tecnológico e ciências humanas, formam o pano de fundo para que parte do fenômeno seja explicado. Mas há algo que deve ser tomado em consideração mais imediata e com conseqüências mais práticas para que uma interferência na realidade

possa ser feita de maneira mais racional e também mais humana.

Algo que esteja relacionado com o que toca mais de perto a situação local; que sirva para a compreensão do que se passa no seio das próprias igrejas, e também para que haja mais domínio da situação.

É óbvio que o que se processa é o reflexo de tudo o que foi mencionado acima, e a descrição de cousas e conseqüências já está exaustivamente elaborada por especialistas de todos os cantos do

mundo. Entender o processo é indispensável, mas não é tudo. Como interferir nesta realidade destrocada que está à volta e que nos atinge de maneira tão direta? Não seria tempo de examinar como se efetivou a tomada de consciência por elementos que estavam dentro desta ou daquela denominação; e como se deram as primeiras manifestações de que os "tempos mudaram", e os "odres velhos não suportaram o vinho novo?" Parece que este tipo de reflexão seria não só necessário, mas teria no seu cerne uma exigência de caráter científico.

Por quê, e em que circunstâncias a "velha geração" da Igreja reagiu, repudiou e até excomungou pastores e pessoas jovens do selo de sua instituição? Que houve além de oportunismo político de alguns dirigentes?

Já estamos com tempo suficiente para uma tentativa de interpretação ou ela seria prematura? Embora julgando difícil uma resposta positiva a esta pergunta, nada impede que sejam tentadas algumas explicações baseadas na verificação dos fatos que se sucederam às primeiras investidas do grupo renovador. O que acontece na Igreja Presbiteriana do Brasil, por exemplo, exige uma reflexão mais séria e ampla do que simplesmente constatar que um grupo X, tendo tomado o poder, acirrou ainda mais os elementos conservadores, proibindo qualquer manifestação renovadora, qualquer aragem atualizante. Descrever os mecanismos da consciência conservadora e ao mesmo tempo mostrá-los dentro das instituições religiosas, fornece bases indispensáveis para que parte do objetivo seja alcançado. E é necessário que um número cada vez maior de pessoas ligadas à estrutura, entrem

em posse de instrumental científico que as capacite a fazer esta análise; mas queremos fixar nossa atenção em como se deu o processo de despertar e algumas de suas conseqüências.

E é utilizando de instrumental fornecido por Mannheim, (A descoberta do inconsciente coletivo como problema para o nosso tempo; em Ideologia e Utopia), que gostaríamos de tecer alguns comentários. Mannheim chama a atenção para o fato de que na luta política, os primeiros grupos que se utilizaram do método sociológico da descoberta do inconsciente coletivo, fizeram-no não no sentido de esclarecer, de criar e sim de destruir, de desmascarar. Ao criticar as motivações dos adversários; os grupos que primeiro se beneficiaram da utilização destas armas, se tornaram portadores de uma vantagem enorme sobre os adversários. Enquanto perdurou o ataque de um dos lados, o que ficou abalada foi a estrutura do grupo atacado, mas quando o mesmo tipo de arma foi usada como revide, a crise se estendeu ao próprio pensamento. Não é de se admirar — continua o pensador — que o resultado tenha sido o ceticismo e o irracionalismo. Não era mais a desconfiança em determinado tipo de pensamentos, mas uma crise do próprio pensamento em si, trazendo consigo uma inquietação proveniente do fato de que o homem teria que reformular cotidianamente seus planos de vida e reinterpretá-los à luz de realidades novas que apareciam a cada instante. As dúvidas e inquietações que eram uma constante do trabalho dos intelectuais, dos letrados em geral, passam a ser uma preocupação na vida de cada elemento da sociedade, adestrado ou não para isto.

I — A situação das igrejas protestantes

Sabemos sobejamente que o protestantismo brasileiro não forneceu bases para que uma reflexão teológica se estabelecesse. Não cabe aqui comentar características do pietismo e do fundamentalismo que os missionários trouxeram para o Brasil. Constatemos simplesmente o fato reconhecido com largueza de que reflexão nesta área foi nitidamente polêmica e confessional... Veja-se, por exemplo, o que acontece com os jovens que tentam reformular as atitudes tradicionais, introduzindo uma reflexão mais consentânea com a época em que vivemos. Aparecem as resistências de diferentes matizes que vão do absurdo de uma posição obscurantista incompatível com o espírito da reforma, até uma posição que classifica de "modernistas", as mais tênues tentativas de uma teologia "neo-ortodoxa". O protestantismo brasileiro julga, em sua maior parte, estranha qualquer reflexão que não entre dentro dos moldes tradicionais do pietismo e em grande parte do fundamentalismo. Outra atitude que provavelmente trará esclarecimentos substanciais sobre esta discussão, seria o levantamento da formação dos missionários que para cá vieram e o critério de escolha para o seu envio. No entanto, pelos resultados, podemos avançar que não foram critérios muito exigentes no que tange à sua formação teológica. Na sua maior parte, os elementos que mais se destacaram foram piedosos homens com grande dedicação à causa que abraçaram, mas com pouca formação teórica e científica, como atestam as lamentáveis (embora bem intencionadas) adaptações de sua hinologia e de suas meditações para um povo cuja antro-

pologia lhes era inteiramente desconhecida. Houve exceções razoáveis, mas quando o que se exigia estava um pouco além de uma visão dicotômica (e por isto mesmo distorcida), sua participação era falha e omissa, e nisso não vai nenhuma surpresa. Interiorizados e cuidando do arrebanhamento de almas, havia realmente pouco tempo para se preocupar com "as coisas deste mundo". Repito que houve exceções, tanto entre os missionários como entre os nacionais (a figura de Erasmo Braga é muito significativa), mas não chegaram a ser mais que exceções; e o que o povo nas igrejas ouvia e aprendia sempre, eram as meditações características mencionadas acima.

II — Como se processou na igreja a tomada de consciência

Em termos da igreja protestante brasileira, o processo assinalado por Mannheim forma, em certo sentido, um exemplo clássico.

Assim que saía do seminário com o instrumental teológico necessário para uma diagnose, a nova geração se punha em campo munida de uma arma extremamente eficaz no sentido de comprovar a existência de situações superadas, de preconceitos, de vida artificial e ética aprisionante; mas sem experiência suficiente para imaginar o que iria provocar com as revelações que fazia. Ainda em relação aos seminaristas ou os pastores recentemente egressos, a sede de apreender uma nova visão de libertação estava muitas vezes ligada à uma imaturidade que os impedia de vislumbrar as conseqüências de suas investidas. É in-

interessante observar que a visão antropológica necessária para que as críticas se dessem de maneira eficaz e criadora, não foi acentuada devidamente. Além disto, onde estava a compreensão de que uma geração que se caracterizou por uma vida plena de atividades proselitistas e polêmicas, demoraria naturalmente a assimilar a concepção de que os tempos mudaram e que uma religiosidade moderna teria de ser ecumênica e respeitadora de todas as crenças? Ainda havia entre os ouvintes estupefatos, membros que se lembravam de perseguições, ou que tinham sofrido suas conseqüências.

É óbvio que era necessário entender o que se passava no meio da juventude que despertava, e o seu sentido de urgência e vontade de participar com intensidade do mundo novo que começava a descortinar; mas perguntamos: suas atitudes apressaram o movimento de libertação, ou contribuíram para que determinadas portas fossem fechadas em caráter quase definitivo? Não houve uma atitude propícia a que se acirrassem os ânimos e surgissem todos os mecanismos de defesa possíveis? Ao declarar para uma Igreja do interior que suas crenças estavam superadas e o que é pior; todo o seu comportamento de longos anos (toda uma existência) estava errado; que era de se esperar? A vantagem estava com o grupo que atacou primeiro, (no caso o grupo jovem), pois as críticas em sua maior parte eram, fundamentalmente certas, e as reações que se seguiram foram um atestado disto, mas um atestado um pouco amargo. Amargo porque o grupo despertado foi relativamente pequeno e também porque as possibilidades de continuar apresentado as novas pers-

pectivas de vida e atuação, foram tornando-se cada vez menores; e o diálogo praticamente inexistente nos dias de hoje. Além do mais, uma parte significativa e promissora de elementos novos nada tem a ver com a Igreja após a crise. Alguns foram marginalizados do processo e outros se afastaram desgostosos e entediados. Mas há os que mesmo tendo tomado consciência dos aspectos alienadores de que se revestiu e ainda se reveste a Igreja no Brasil, insistem em permanecer dentro das estruturas e trabalhar pela sua evolução. Creio que estas reflexões, se tiveram algum valor, são para estes elementos.

III — A posição cética (indiferente)

— Como dissemos anteriormente, duas posições caracterizam as atitudes dos grupos que se sentem atacados quando o processo de descobrimento do inconsciente coletivo se realiza: ceticismo e irracionalismo.

A primeira posição parece que nada tem a ver com elementos de Igreja, pois se congregam principalmente por causa de sua fé; logo não têm nada que os possa definir como céticos. Mas uma observação cuidadosa do que está acontecendo com grande parte das Igrejas evangélicas de hoje, atesta que o diagnóstico de Mannheim é aplicável no caso, pois a monotonia de atitudes e a rotinização estagnadora, nada mais são do que uma posição realmente cética perante a vida e seus problemas. Não se trata aqui de como os indivíduos pensam que pensam, mas como realmente pensam, isto é, suas atitudes falam inevitavelmente mais alto do que seus ser-

mões. É pois evidente que se trata de um mergulho em um indiferentismo total em que as raízes céticas se instalaram, mas ainda não foram diagnosticadas ou percebidas a nível consciente. Quando se dá de tomarem atitudes (que são principalmente verbais), são contra. São contra pensamentos "modernistas", são contra idéias "comunistas" que se infiltraram nas denominações religiosas, são contra os "abusos da juventude"; em suma são contra. Que atitude mais cética poderia existir? A indiferença neste caso, e em muitos outros, nada mais é que ceticismo.

Na mais contristador que presenciar alguns cultos ou reuniões de mocidade hoje em dia. Os mesmos hinos, (destituídos de seu significado de origem) os mesmos sermões, os mesmos problemas internos e as mesmas reuniões sociais. Os estudiosos e pesquisadores têm encontrado pastores que reconhecem tudo isso, mas não vislumbram saída para a situação.

— Vamos continuar assim porque todos os outros processos e tentativas são inadequados, quando não perigosos.

É certo que com o tempo, o êxodo da juventude exigirá a tomada de consciência em relação ao problema, mas a outra atitude ou escapatória apontada por Mannheim parece que vem sendo a que mais se acentua como fuga a um indiferentismo e uma estupefação que são, como dissemos profundamente céticos. O apêlo para um comportamento irracional, ou mais especificamente mágico.

IV — A "pentecostalização" das igrejas históricas.

É cada vez mais freqüente a adesão de igrejas históricas ao movimento de "renovação espiritual". Ora são grupos dissidentes, ora congregações inteiras se filiam ao movimento que vem "pentecostalizando" as igrejas tradicionais. Tivemos oportunidade de estar em Campina Grande na Paraíba em visita a uma grande congregações que pertenceu à Igreja Cristã e é hoje líder na região centro de irradiação da "renovação" no nordeste. Suas características são nitidamente pentecostais: ênfase na doutrina do Espírito Santo, glossolália (falar de línguas), curas divinas, intensa participação no culto através de testemunhos, cânticos, "aleluias" etc. Os sermões são entregues quase sempre por inspiração do momento e tôdas as características "mágicas" tão conhecidas dos que estudam as igrejas pentecostais, estão presentes em sua forma de adoração. Não é preciso acentuar mais o que quizermos dizer quando afirmamos que é um apêlo ao irracional, ao mágico. É o que nos interessa aqui, além da constatação acima é a afirmação muitas vezes ouvida de que com o movimento, seus membros "se libertaram dos perigos da teologia" e outras tentações. Os pastores que afirmam isto estão se dirigindo em parte aos elementos que tentaram inserir a Igreja protestante no Brasil no contexto do mundo atual, ou seja, a "nova geração" que saiu do seminário ansiosa por uma tomada de posição em face aos problemas cruciantes do mundo moderno. Isto comprova que não foram compreendidos em suas intenções

e são vistos como hereges e “deturpadores da palavra de Deus”. As formas mágicas do pentecostalismo foram mais atráentes por razões que não precisamos repetir, mas que servem para que se constate a presença dos componentes (herança) que não foram levados em consideração no momento da partida para a consciência da missão da igreja.

V — A necessidade de uma “pedagogia para pietistas e fundamentalistas”

Uma vez que se reconheça que as atitudes assumidas anteriormente podem desmascarar, desmistificar, mas nem sempre auxiliar, seria a ocasião de perguntar se não é chegado o momento de uma posição mais ligada à realidade e que compreenda que o processo de abandono do pietismo é especialmente doloroso, pois representou para o convertido ao protesto uma tomada de posição que exigiu muito da capacidade de renúncia do indivíduo. É interessante anotar aqui que, com os conhecimentos adquiridos através do estudo da sociologia e da antropologia que agora acompanham a nova preocupação teológica, fazem com que os representantes da nova geração estejam mais dispostos a entender as motivações de um terreiro de umbanda, ou qualquer religião, adaptada ou não, mas ainda há uma posição de hostilidade ao pietismo. Trata-se claramente de um envolvimento emotivo, mais que racional (o corte do cordão umbilical necessário, mas nem por isso isento de unilateralidade). Embora seja perfeitamente compreensível que tudo isto tenha acontecido, a experiência adquirida deve ser utilizada agora num sentido mais construtivo.

A elaboração desta “pedagogia” deve ficar a cargo daqueles que estão dentro das estruturas ainda em luta com o acirramento das posições conservadoras, mas não há erro, supomos, em sugerir que a atenção deveria estar voltada ao modo com que o pietista em geral e o fundamentalista se utilizam de seu quadro de referência, a Bíblia. Como se processa a mecânica através da qual o membro de uma igreja tradicional joga uma experiência atual em seu quadro de referência (única regra de fé e prática), sem os conhecimentos necessários da antropologia da época, de linguística e sem pensar que houve uma tradução dos originais para sua própria língua e o que isto representa. Aliás, tudo indica que as posições fundamentalistas, em termos de prática, foram as que predominaram no Brasil, pois a mecânica em que se baseia sua ética é muito semelhante em tôdas as denominações.

Finalmente um estudo cuidadoso do aparelhamento conceitual do protestantismo brasileiro, traria subsídios para que esta preocupação se transformasse em algo realmente prático e proveitoso, e creio que os estudos de Rubem Alves nesta direção poderão ser de grande utilidade.

Estas ponderações devem ser entendidas no contexto de uma pergunta que faço no seu decorrer. Seria possível reunir em torno delas todos os elementos interessados em uma transformação da igreja e que crêem que esta é uma atitude válida?